



AgEcon SEARCH
RESEARCH IN AGRICULTURAL & APPLIED ECONOMICS

The World's Largest Open Access Agricultural & Applied Economics Digital Library

This document is discoverable and free to researchers across the globe due to the work of AgEcon Search.

Help ensure our sustainability.

Give to AgEcon Search

AgEcon Search
<http://ageconsearch.umn.edu>
aesearch@umn.edu

*Papers downloaded from **AgEcon Search** may be used for non-commercial purposes and personal study only. No other use, including posting to another Internet site, is permitted without permission from the copyright owner (not AgEcon Search), or as allowed under the provisions of Fair Use, U.S. Copyright Act, Title 17 U.S.C.*



CARACTERIZAÇÃO DOS AGLOMERADOS AGROINDUSTRIAIS DE MATO GROSSO DO SUL

**LEONARDO FRANCISCO FIGUEIREDO NETO; FABIO DA SILVA RODRIGUES;
JOSÉ NILSON REINERT;**

UFMS

CAMPO GRANDE - MS - BRASIL

lffneto@nin.ufms.br

APRESENTAÇÃO ORAL

Estrutura, Evolução e Dinâmica dos Sistemas Agroalimentares e Cadeias Agroindustriais

CARACTERIZAÇÃO DOS AGLOMERADOS AGROINDUSTRIAIS DE MATO GROSSO DO SUL

Grupo de Pesquisa: Estrutura, Evolução e Dinâmica dos Sistemas Agroalimentares e Cadeias Agroindustriais.

Resumo: O objetivo deste artigo foi caracterizar os aglomerados agroindustriais de Mato Grosso do Sul (MS), baseado nas metodologias disponíveis de desenvolvimento local. A importância deste estudo se deu pelo fato de identificar os aglomerados industriais (Sistemas Locais de Produção) distribuídos pelo território do estado de MS, caracterizá-los e divulgar as políticas públicas existentes e sugerir novas que possam viabilizar os atuais aglomerados e atrair novos investimentos. Trata-se de uma pesquisa exploratória, conduzida em dois momentos: o primeiro baseou-se em pesquisa de dados secundários, sobretudo no relatório de pesquisa de onze cadeias produtivas efetuada pelo Governo de MS e UFMS. No segundo momento foram feitas entrevistas com quatro especialistas da Federação das Indústrias de MS e Secretaria de Estado de Produção. Pode-se concluir que inexistem *clusters* no estado de MS; quanto aos pólos de crescimento, foi identificado em Ivinhema, o Pólo mandioqueiro, sem empresa motriz; Pólos industriais com empresa motrix foram identificados em São Gabriel do Oeste (suinocultura) e Dourados (avicultura); O tipo meio novador foi identificado na região de Dourados (piscicultura), além de Campo Grande (indústria coureira); por fim, o formato



distrito industrial ficou caracterizado na região central de Campo Grande, pela agregação de mais de vinte empresas.

Palavras-chaves: Aglomerados industriais, sistemas locais de produção, clusters

Abstract: The objective of this paper was to characterize the agro-industrial clusters of Mato Grosso do Sul (MS), based on the available methodologies of local development. The importance of this study is that it gave for the fact to identify the industrial clusters (Local Systems of Production) distributed by the territory of the state of MS, to characterize them and to divulge the public politics existing and to suggest new that they can make possible the current clusters and attract new investments. One is about a exploratória research, lead at two moments: the first one was based on research of secondary data, over all in the report of research of eleven productive chains effected by the Government of MS and UFMS. At as the moment interviews with four specialists of the Federacy of the Industries of MS and State secretary of Production had been made. It can be concluded that they inexistent clusters in the MS state; in relation to the growth polar regions, it was identified in Ivinhema, the cassava Polar region, without focal company; Industrial polar regions with focal company had been identified in São Gabriel do Oeste (meat pork industry) and Dourados (poultry industry); The innovation type was identified in the region of Dourados (meat fish industry), beyond Campo Grande (leather industry); finally, the format industrial district was characterized in the central region of Campo Grande, by the aggregation of more than twenty companies.

Key-words: agro-industrial clusters, local systems of production, clusters

1. Introdução

Diversos países têm adotado um conceito de aglomeração industrial para se tornarem mais competitivos. Este conceito pressupõe a obtenção de vantagens competitivas por meio de: infra-estrutura física e social, similaridades de atividades econômicas, recursos naturais disponíveis, entre outros.

Os aglomerados industriais italianos são, talvez, o exemplo mais claro deste tipo de estrutura. A investigação sobre formas localizadas ou territorializadas de organização da produção vem sendo conduzida por diversos trabalhos desde o início do século 20, sobretudo a partir da noção distrito industrial apresentada pelo economista inglês Alfred Marshall em 1920. Neste caso, pode-se definir distrito industrial como uma entidade sócio-territorial caracterizada pela presença ativa de uma comunidade humana e de uma população de empresas num escopo geográfico e histórico (BENKO, 1998).

O objetivo deste artigo é caracterizar os aglomerados agroindustriais de Mato Grosso do Sul (MS), com base nas metodologias disponíveis de desenvolvimento local. Para atingir o objetivo geral proposto, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- a) identificar as microrregiões e os aglomerados agroindustriais de MS;
- b) Realizar a caracterização desses aglomerados, à luz das teorias de sistemas locais de produção.



A importância deste estudo se dá pelo fato de identificar os aglomerados industriais (Sistemas Locais de Produção) distribuídos pelo território do estado de Mato Grosso do Sul, caracterizá-los e divulgar as políticas públicas existentes e sugerir novas que possam viabilizar os atuais aglomerados e atrair novos investimentos.

Alguns esforços estão sendo feitos, como o programa de Arranjo Produtivo do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e os estudos das Cadeias Produtivas do Departamento de Economia e Administração da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, mas nenhum trata do tema com intuito de sugerir um zoneamento industrial.

2. Procedimentos metodológicos

Trata-se de uma pesquisa exploratória, conforme caracterizada por Mattar (1996), conduzida em dois momentos. O primeiro baseou-se em pesquisa de dados secundários em dissertações, relatórios governamentais e no relatório de pesquisa de onze cadeias produtivas efetuada pelo Governo de MS e UFMS. Os pólos industriais focalizados foram identificados por microrregiões, segundo a classificação da SEPLANCT (Secretaria de Estado de Planejamento de Ciência e Tecnologia de MS).

Num segundo momento foram feitas entrevistas com quatro especialistas da Federação das Indústrias de MS e Secretaria de Estado de Produção. Para tanto, utilizou-se de roteiro semi-estruturado, sendo as entrevistas gravadas em meio digital.

3. Fundamentação teórica

Para a caracterização de Aglomerados Agroindustriais de MS, é preciso conhecer as formas da organização dos sistemas, as quais podem-se chamar de Sistemas Locais de Produção (SLP), ou Arranjos Produtivos Locais (APL).

Puccini (2004) define SLP como uma aglomeração produtiva organizada em torno de uma determinada cadeia produtiva, que possui como característica principal a constituição de um ambiente favorável ao desenvolvimento. A articulação regional de empresas (produtores, fornecedores, prestadores de serviços) e instituições públicas e privadas (governos, centros de pesquisa, consultorias, universidades, entidades financiadoras, sindicatos patrimoniais e de trabalhadores) facilita os acesso a serviços, fornecedores, crédito e pesquisa.

Haddad (1999) afirma que o SLP deve caracterizar-se como uma aglomeração geográfica de grande número de empresas de portes variados, com presença significativa de pequenas empresas não integradas verticalmente, fabricantes de um mesmo tipo de produto (ou produtos similares) e seus fornecedores e prestadores de serviços. Sendo assim, o termo SLP pode ser compreendido como uma denominação genérica para várias formas de



organização territorial produtiva das quais as mais importantes são: pólo de crescimento, distrito industrial, *cluster* e meio inovador.

Há várias configurações possíveis: empresas líderes operando redes de pequenas empresas terceirizadas, redes autônomas de pequenas empresas, estruturas dominadas por grandes empresas externas de comercialização, predominância de alguma forma de governança pública ou privada (associações de classe) local (MARSHALL, 1920).

De todo modo, alguma forma de coordenação – relações de mercado, estrutura de governança, liderança local – está presente. A proximidade geográfica entre os agentes (empresas, instituições, centros de pesquisa) é essencial para a coordenação, bem como para o aproveitamento das economias externas locais e a disseminação de novos conhecimentos (HADDAD, 1999).

3.1 Conceitos de *Cluster*

O conceito de *Cluster*, uma palavra de origem inglesa, sugere a idéia de junção, união, agregação e integração. Um *cluster* seria algo como uma colméia, sugestivo de cooperação, colaboração, especialização, divisão do trabalho (CAMARGO, 2001). Para Schmitz *et. al.* (1999), *Cluster* é um aglomerado de indústrias e instituições que têm ligações particularmente forte entre si, tanto horizontal quanto verticalmente, e, usualmente, incluem: empresas de produção especializadas, empresas fornecedoras, empresas prestadoras de serviços, instituições de pesquisas, instituições públicas e privadas, e de suporte fundamental.

Economicamente, os *clusters* podem ser definidos como aglomerados de atividades produtivas afins, localizadas em determinado espaço geográfico e desenvolvidas por empresas autônomas de pequeno, médio e até de grande porte, intensamente articuladas, constituindo ambiente de negócios onde prevalecem relações de recíproca confiança entre as diferentes partes envolvidas. Tais empresas são apoiadas por instituições provedoras de recursos humanos, de recursos financeiros, de infra-estrutura, etc. (CAMPEÃO, 2004).

Ainda na visão econômica, um cluster pode ser considerado como a reunião de tais empresas, situadas numa mesma região, que apresentem grandes níveis de entrosamento entre si, e constituem o que hoje existe de mais moderno em modelo de desenvolvimento local (PORTER, 1999).

3.2 Pólos de Crescimento

Pode se considerar um pólo industrial quando o crescimento ocorre em alguns pontos ou pólos com intensidades variáveis, tornando-se assim, uma unidade econômica motriz ou um conjunto formado por tais unidades. Há dois tipos de pólos: com empresa motriz (âncora) e sem empresa motriz. A empresa motriz é caracterizada como organização capaz de criar ou aumentar a infra-estrutura de um local e compartilhar os efeitos de complementação, a ponto de atrair um pólo de crescimento ao seu redor.



Lemos (2003, p.35), define pólo de crescimento como:

“uma unidade econômica motriz ou um conjunto formado por tais unidades. Uma unidade simples ou complexa, uma empresa, uma indústria, ou uma combinação de indústrias, é motriz quando exerce sobre outras unidades com as quais se relaciona, efeitos de encadeamento pelo preço, pelo fluxo de mercadorias, pela informação”.

A empresa motriz é caracterizada pelo tamanho e pela sua influência na renda (salários e investimentos) do espaço regional onde está inserida e por suas relações de compra-venda que mantém com as outras organizações afins. Essas empresas podem alterar a economia do meio em que está inserida, influenciando nos preços de troca dos insumos básicos necessários aos processos produtivos; fazendo a difusão de tecnologia de processos a ela incorporados e difundidos, através de suas relações interindustriais e atraindo outras empresas para a região em que se encontra (SANTOS *et. al*, 2003).

Pode-se encontrar alguns casos, principalmente em países em desenvolvimento como o Brasil, onde existe o pólo de crescimento sem ter necessariamente uma empresa motriz, ou empresa “âncora”, tornando o conceito de aglomeração mais articulado. Um importante passo nesta direção foi à ligação da idéia de aglomeração com a de “redes”, especialmente no contexto de cadeias de fornecimento e ao redor de empresas “âncoras” (CASSIOLATO *et. al*, 2003).

3.3 Distrito Industrial

A noção de Distrito Industrial (DI), resume se em analisar sistemas produtivos de pequenas unidades especializadas nas diferentes funções de produção, sendo assim, os princípios organizacionais que prevalecem são os elementos que justificam sua originalidade e eficácia (MARSHALL 1920). Para o autor, um distrito é caracterizado pela divisão do trabalho e pela divisão de tarefas organizadas de forma eficiente entre empresas especializadas, constatando que quando grandes volumes de pessoas em uma mesma localidade se engajam em tarefas similares, interagindo, trocando experiências, educando-se mutuamente.

A proximidade física entre esses estabelecimentos facilita os contatos diretos entre os agentes, fazendo com que a troca de experiências e a comercialização sejam favoráveis. A homogeneidade cultural faz com que as informações corram de forma mais correta facilitando assim a transmissão de novas idéias, as empresas que compõem os distritos industriais são geralmente articuladas tecnicamente uma as outras e contribuem coletivamente para a produção bem específica, identificável como produto industrial do distrito, sendo importante a presença de uma cultura ou conjunto de valores partilhados (CAMARGO, 2001).

3.4 Meio Inovador



Meio Inovador (MO) é um conjunto de relações que unem um sistema local de produção, um conjunto de atores, de representações e uma cultura industrial, gerando um processo dinâmico localizado de aprendizagem coletiva. Reconhece o território como um componente importante da inovação tecnológica, vendo o desenvolvimento de novas tecnologias como um processo coletivo, na organização do qual a componente territorial possui um papel que pode ser determinante (CAMPEÃO, 2004).

Os meios inovadores apresentam algumas características como a de economias de proximidade tendo a redução dos custos de produção, a redução de custos de transação, e a “sinalização” comercial que o meio endereça ao exterior como um tipo de certificado da qualidade ou pelo menos de identidade; as economias advindas do processo de socialização, que fazem parte da aprendizagem através da sinergia entre as empresas (CAMAGNI, 1995).

4. Resultados e Discussão

Foram analisados seis aglomerações industriais em quatro microrregiões de MS, a saber: Norte, Central, Grande Dourados e Leste.

4.1 Pólo Econômico da Microrregião Norte: Suíno de São Gabriel do Oeste.

Dentre os municípios que compõem esta região, será abordado São Gabriel do Oeste, por sua importância na produção de grãos e suíno. Esta última atividade merece ser destacada por sua ampla capacidade de produzir emprego, principalmente nas médias e pequenas propriedades, além de agregar valor aos produtos agrícolas regionais utilizados nas rações dos suínos.

O efetivo de suínos da região tem participação variando entre 18 e 21% do rebanho estadual. Este pólo econômico responde por 53% da produção regional e conta com um abatedouro e uma cooperativa de suinocultores. Este município abriga o pólo econômico caracterizado por empresa motriz representado pela Aurora. Reconhecida nacionalmente há mais de trinta anos pela qualidade de seus produtos, no ano de 1996 implantou uma unidade industrial no município de São Gabriel do Oeste.

Como principais problemas e potencialidades encontrados na região, pode-se citar a insuficiência na eletrificação rural e urbana, apesar da existência de recursos hídricos com potencial hidrelétrico. Os incentivos fiscais municipais têm sido positivos, mas ainda falta estruturar melhor o auxílio para as pequenas e médias empresas (COREDES, 2001). Para Michels *et. al* (2004d) é necessário planejar o crescimento da atividade, potencializando os benefícios e minimizando as inconveniências, principalmente em São Gabriel do Oeste que possui em seu subsolo parte do aquífero Guarani.



4.2 Pólo Econômico da Microrregião Central: Couro de Campo Grande.

MS produz matéria-prima suficiente para abastecer os curtumes locais, mas com a venda do couro-verde (primeiro estágio do couro) para outras regiões, algumas empresas de Campo Grande acabam importando couro de Mato Grosso, Goiás, Tocantins e, até mesmo, do Paraguai. Os principais compradores do couro *wet-blue* (primeira etapa do curtimento), em Campo Grande, dividem em: 40% para o Rio Grande do Sul e São Paulo e 60% para a Itália.

Segundo Lima Filho *et al.* (2005), o pecuarista sul-mato-grossense tem seu foco na criação de bovinos para o abate e o couro é tido apenas como subproduto do boi. O manejo é responsável pela maioria das avarias sofridas pelo bovino, ou seja, mais da metade dos defeitos apresentados no couro em seu beneficiamento no curtume.

Foi criado o Centro de Tecnologia do Couro, em Campo Grande, em parceria com o sindicato das indústrias de couro de MS, sindicato das Indústrias de Calçados de MS, Delegacia Federal de Agricultura e Universidades. O estado de MS oferece aos empresários incentivos fiscais que asseguram isenção de até 67% do ICMS devido por 10 anos e mais sete anos para empresas que atuem no segmento de produtos acabados de couro e bens de capital.

O setor coureiro, nesta região, se enquadra como meio inovador, sendo que este exprime a necessidade do desenvolvimento de novas tecnologias como um processo coletivo para o melhor desenvolvimento das empresas deste sistema. Com o Centro de Tecnologia do Couro, pode-se demonstrar a união das empresas para gerar um processo de aprendizagem coletiva. Esta lógica gera a cooperação para a inovação, para a criação de externalidades específicas, os quais ajudam a formação de redes para a utilização dos recursos criados em comum.

4.3 Pólo Econômico da Microrregião Central: Distrito Industrial de Campo Grande.

O Distrito Industrial de Campo Grande é composto por 200 hectares dotados de infraestrutura: pavimentação, revestimento primário, ramal ferroviário, anel rodoviário, rede de energia elétrica, telefone, escola pública e conjunto habitacional. Em 2005, 22 empresas estavam instaladas no Distrito COREDES (2002).

Com o intuito de acelerar a inversão de novos investimentos, para a geração de empregos, e de democratizar o acesso aos benefícios, foram criados mais dois pólos empresariais. O primeiro em uma área de aproximadamente 300 hectares, na BR 262 – saída para Aquidauana, e o segundo com a única finalidade de beneficiar microempresas e empresas de pequeno porte, o qual ficará situado no recém inaugurado loteamento social Canguru – Sul.

Além do incentivo dado às indústrias de produtos acabados de couro e bens de capital, o estado de MS oferece isenção de sete anos e mais postergação de sete para os demais setores da economia.



4.4 Pólo Econômico da Microrregião da Grande Dourados: Avicultura.

Para Michels *et al.* (2004a), a indústria avícola de MS, sobretudo desta microrregião, surgiu no início da década de 1990, desde então vem se desenvolvendo. No princípio (1990), a avicultura do estado não utilizava tecnologia de ponta e os aviários não eram construídos de acordo com os padrões exigidos pelo mercado, situação que mudou com a chegada de empresas oriundas do sul do país.

Apesar da produção estadual não chegar a representar 4% da produção nacional, as atividades gera cerca de quatro mil empregos diretos e cerca de onze mil indiretos, incluindo as atividades que interagem com o setor, como transporte, manutenção, material agrícola, serviços públicos, assistência técnica e comércio em geral (MICHELS *et al.*, 2004a).

Um dos benefícios do governo à avicultura, é o Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste (FCO), que financia aviários entre 80 a 100% do investimento, numa parceria com as empresas abatedoras. Outro benefício se dá por meio da SEPROTUR, que elaborou um plano de desenvolvimento, chamado Programa de Desenvolvimento da Agricultura de MS (PDA).

O pólo de crescimento gerado na indústria do frango na microrregião da Grande Dourados vem se destacando nos últimos tempos. As empresas Avipal, DOUX Frangosul e Seara assumem o papel de empresas motrizes, fornecendo insumos e tecnologia para o Pólo, além de ser coordenadores das cadeias de suprimento. O pólo tem como base as relações de dominação dessas grandes empresas que produzem efeitos de encadeamento sobre as outras unidades.

4.5 Pólo econômico da Microrregião da Grande Dourados: Meio inovador do Peixe.

A Delegacia Federal de Agricultura afirma que, dos dez municípios que mais produzem peixe de cativeiro, sete encontram-se na microrregião da Grande Dourados, responsável por 62% da produção total do estado. Segundo Michels *et al.* (2003c), a região demonstra potencialidade diferenciada das demais devido a um grande número de pequenas propriedades e por ser uma região produtora de grande volume de grãos.

O poder público tem dado apoio para a atividade, a fim de ampliar a base econômica e garantir sustentabilidade econômica para o momento econômico que está vivendo. Este incentivo vem das esferas municipal, estadual e federal que, juntas estão instalando um

Centro de Pesquisa do Peixe, e buscam experiências de outras regiões de sucesso para auxiliar os produtores locais a queimarem etapas e ganharem tempo via *benchmark*. Os investimentos federais no Centro Nacional de Pesquisa Agropecuária Oeste (Embrapa) estão possibilitando a construção e reforma de estruturas que vão incrementar o desenvolvimento das pesquisas.

A piscicultura de MS está recebendo um importante incentivo a partir da implantação da Câmara Técnica da Piscicultura, aliada a criação da Secretaria Especial de Aqüicultura e



Pesca, criada pelo governo federal com *status* de ministério e vinculado a presidência do Brasil.

As políticas públicas disponíveis para este setor em esfera federal apontam para o FCO, identificado como alternativa de financiamento para a piscicultura. No entanto, o crédito, apesar de existente e disponível, não permite o fácil acesso, em função das altas exigências de garantias. É preciso que haja uma estrutura de governança baseada em contratos para que harmonize as relações e facilite o acesso aos recursos do FCO.

A criação do Centro de Pesquisa do Peixe no município faz o sistema produtivo local da piscicultura na Grande Dourados se enquadrar como meio inovador, fazendo a utilização de novas tecnologias para desenvolvimento do sistema como um processo coletivo, gerando uma capacidade de renovação contínua do meio, desenvolvendo as empresas componentes deste sistema com a atualização constante das tecnologias oferecidas para o setor.

Para Michels *et al.* (2003c), um dos principais obstáculos enfrentado pelos produtores é justamente a cultura dos mesmos, pois o segmento encontra-se pouco organizado. Existe um individualismo significativo no setor, que resulta na falta de articulação, ausência de poder de barganha e o isolamento, principalmente dos pequenos produtores.

4.6 Pólo Econômico da Microrregião Leste: Mandioca de Ivinhema.

A exploração da cultura da mandioca é a principal atividade econômica lavoureira da microrregião Leste e, apesar do Centro-Oeste representar apenas 6% do total da produção nacional de raízes de mandioca, esta se destaca devido à produtividade que está acima da média nacional. Segundo Michels *et al.* (2004b), o pólo econômico de Ivinhema no segmento de raízes de mandioca, possui seis unidades fabris com capacidade produtiva média de 70 toneladas/dia, participando com 43,84% no total da produção do estado.

Um dos principais problemas encontrados no Pólo de Ivinhema, segundo Michels *et al.* (2004b), é a desorganização, onde algumas empresas trabalham de forma isolada e, apesar da evolução no setor, este tipo de comportamento dificulta a possibilidade da ampliação da atividade e diminui a possibilidade de inserção no mercado nacional e internacional de produtos amiláceos. O escoamento da produção ainda encontra dificuldade na comercialização, o que leva 90% dela a ser comercializada no mercado interno.

Por outro lado, Michels *et al.* (2004b) aponta a localização como um diferencial para estabelecer relações internas, pois o pólo está localizado próximo a grandes centros produtores e consumidores, como Paraná e São Paulo.

Os investidores deste pólo devem ficar atentos, pois os incentivos liberados pelo governo, a partir do FCO, privilegiam atividades que não agridem o meio ambiente. Existe no estado, uma lei (Lei nº 2414, de 2002) que determina a utilização da fécula de mandioca adicionada à produção de pães e similares, visando baratear os custos relativos à compra de trigo, cujo preço sofre aumento conforme variação cambial. Também foi criada em 2002, a



Câmara Setorial da Mandioca no estado, para orientar e articular a Cadeia Produtiva da Mandioca e orientar as diretrizes políticas da produção.

Esta atividade destacada na microrregião Leste se enquadra como pólo de crescimento sem empresa motriz, pois pela existência de uma aglomeração de micro e pequenas empresas, que desempenham o papel de coordenação das atividades econômicas e tecnológicas, tendo a governança através de “redes”.

4.7 Políticas Públicas no estado de MS

Segundo Porter (1999), os aglomerados são estimulados, principalmente, pelos programas regionais, que representam uma nova forma de pensar o desenvolvimento econômico, buscando aumentar a competitividade da região e dos agentes. O uso de políticas pode ser entendido como uma vantagem competitiva utilizada pelo estado, que busca atrair empresas e incentivar relações entre as instituições públicas, privadas e até organizações não governamentais, para formarem aglomerados, tendo em vista o número de empregos que tais atividades podem gerar e o desenvolvimento que pode ocorrer nas regiões em que se encontram inseridas determinadas atividades econômicas.

O Poder Público entende que atrair empresas e incentivar investimentos na região agrega valor ao produto agrícola, aumenta a receita pública, gera emprego e, principalmente, renda para a população. Nesse sentido, foi criada uma linha de crédito denominada FCO, pela Constituição Federal de 1988, voltada para a promoção do desenvolvimento econômico e social da região Centro-Oeste, mediante financiamentos aos setores produtivos. Conforme o negócio, o prazo de pagamento pode ser de até 12 anos, sendo que o interessado terá até três anos de carência. O financiamento está disponível para todos os segmentos da economia.

Após observar as atividades a fim de classificá-las em uma das quatro formas organizacionais de produção, conhece-se um pouco mais da realidade destes pólos econômicos distribuídos nas microrregiões do estado de MS. Com intuito de diminuir as lacunas sugere-se que os municípios se unam para buscar o desenvolvimento comum, a exemplo do que ocorre entre as prefeituras da Grande Dourados, que estão buscando se organizar para recuperação das estradas vicinais da microrregião.

A fim de favorecer as grandes empresas propõem-se acordar com essas a possibilidade de promover cursos técnicos gratuitos de acordo com as atividades afins dos pólos industriais de cada microrregião (em parceria com a Embrapa, universidades e escolas agrícolas), no período em que elas estejam realizando suas instalações, para que haja mão-de-obra especializada pronta para ser absorvida. Esta atitude pode influenciar as empresas a investirem em determinadas regiões.

É preciso ficar atento às pequenas e médias empresas dos pólos, pois são essenciais para o desenvolvimento, porém são necessários “desburocratizar” os benefícios destinados a elas. Há muita reclamação neste sentido por parte dos empresários.



5. Conclusão

O presente estudo teve como objetivo caracterizar aglomerados industriais em MS. Para tanto, foi feita uma pesquisa em dados secundários, bem como conduzidas entrevistas junto a especialistas. Este trabalho contribui para enriquecer a estrutura teórica do tema explorado, possibilitando nortear futuras pesquisas no assunto, discutir Modelo de Desenvolvimento de Sistemas Locais de Produção.

O estudo também traz contribuições gerenciais, por disponibilizar subsídios relevantes para zoneamento industrial, mostrando a possibilidade das empresas ampliarem suas estratégias de alocação de recursos. O aporte para políticas públicas é a possibilidade de divulgar esforços existentes que tem sido feito para atrair e fixar empreendimentos que tragam desenvolvimento para região. E sugerir novas medidas.

Segundo Porter (1999), os aglomerados são estimulados, principalmente, pelos programas regionais, que representam uma nova forma de pensar o desenvolvimento econômico, buscando aumentar a competitividade da região e dos agentes. O uso de políticas pode ser entendido como uma vantagem competitiva utilizada pelo estado, que busca atrair empresas e incentivar relações entre as instituições públicas, privadas e até organizações não governamentais, para formarem aglomerados, tendo em vista o número de empregos que tais atividades podem gerar e o desenvolvimento que pode ocorrer nas regiões em que se encontram inseridas determinadas atividades econômicas.

As principais conclusões foram classificar os pólos de acordo com o perfil das atividades, onde ficou claro a inexistência de *clusters* (quadro 1).

Formas organizacionais de Sistemas Locais de Produção	Empresas e as principais características dentro da teoria dos sistemas produtivos locais.
Cluster	Não há nenhum <i>cluster</i> no estado de MS, pois não existem indústrias com ligações fortes entre si, tanto horizontalmente quanto verticalmente, incluindo empresas de produção especializada, empresas fornecedoras, empresas prestadoras de serviço, instituições de pesquisa, instituições públicas e privadas de suporte fundamental.
Pólo de Crescimento	O caso dos pólos de crescimento sem empresa motriz, é ilustrado pelo pólo mandioqueiro localizado no município de Ivinhema na microrregião Leste, pois é formado por micro e pequenas empresas aglomeradas coordenando as atividades econômicas e tecnológicas em comum, através da governança típica de “redes”. Os pólos industriais com empresa motriz são caracterizados pela suinocultura no município de São Gabriel do Oeste na microrregião Norte representado pela indústria Aurora e pela avicultura na microrregião da Grande Dourados, representados pelas indústrias Avipal, Seara e <i>DOUX</i> Frangosul, pois essas empresas exercem sobre as outras unidades com as quais se relacionam efeitos de encadeamento de preço, pelo fluxo de mercadorias, pela informação, sem demonstrar preocupação direta com o território e suas particularidades.
Meio Inovador	A cultura do peixe é destacada neste trabalho pela microrregião da Grande Dourados e a indústria coureira na microrregião Central na cidade de Campo Grande, sendo consideradas meio inovador pela ênfase na capacidade de inovação do meio local, decorrente das competências dos agentes e de suas interações, para o melhor desenvolvimento da região em que se encontram.



Distrito Industrial	O distrito industrial é localizado na microrregião central na cidade de Campo Grande, estando atualmente representado pela aglomeração de 22 empresas instaladas, estas empresas possuem suas produções especializadas em diferentes segmentos, por estarem inseridas no mesmo ambiente, a organização da produção é realizada com base em aspectos sociais e culturais característicos da comunidade local gerando por isso um melhor entrosamento entre elas.
----------------------------	---

QUADRO 1 - Caracterização dos pólos econômicos de MS.

Segundo Porter (1999), os aglomerados são estimulados, principalmente, pelos programas regionais, que representam uma nova forma de pensar o desenvolvimento econômico, buscando aumentar a competitividade da região e dos agentes. O uso de políticas pode ser entendido como uma vantagem competitiva utilizada pelo estado, que busca atrair empresas e incentivar relações entre as instituições públicas, privadas e até organizações não governamentais, para formarem aglomerados, tendo em vista o número de empregos que tais atividades podem gerar e o desenvolvimento que pode ocorrer nas regiões em que se encontram inseridas determinadas atividades econômicas.

O Poder Público entende que atrair empresas e incentivar investimentos na região agrega valor ao produto agrícola, aumenta a receita pública, gera emprego e, principalmente, renda para a população. Nesse sentido, foi criada uma linha de crédito denominada FCO, pela Constituição Federal de 1988, voltada para a promoção do desenvolvimento econômico e social da região Centro-Oeste, mediante financiamentos aos setores produtivos. Conforme o negócio, o prazo de pagamento pode ser de até 12 anos, sendo que o interessado terá até três anos de carência. O financiamento está disponível para todos os segmentos da economia.

Como sugestão para estudos futuros, é proposto um estudo focado nas políticas públicas utilizadas em MS para os aglomerados industriais. Tal estudo propiciará um aprofundamento no assunto abordado neste trabalho.

6. Referências bibliográficas

BENKO, G. *La Science régionale. Paris:PUF, 1998, 126p.*

CAMAGNI, R. *Espace et temps dans le concept de milieu innovateur. In: RALLET, A.; TORRE, A. (Ed.). Économie industrielle et économie spatiale. Paris: Econômica, 1995. p. 193-210.*

CAMARGO, D. *Economia dos clusters industriais e desenvolvimento. São Paulo: FAPESP, 2001.*

CAMPEÃO, P. *Sistemas locais de produção agroindustrial: um modelo de competitividade. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção). Universidade Federal de São Carlos, ano 2004.*



CASSIOLATO, J. E; SZAPIRO, M. *Uma caracterização de arranjos produtivos locais de micro e pequenas empresas*, 2003. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/workshop/cassiolatamarina.pdf>. Acesso em 12/10/2005.

COREDES REGIÃO NORTE – CONSELHO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL - PLANO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL – REGIÃO NORTE. *Campo Grande/MS SEPLANCT, 2001*

COREDES REGIÃO CENTRAL – CONSELHO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL - PLANO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL – REGIÃO CENTRAL. *Campo Grande/MS SEPLANCT, 2002.*

HADDAD, P. R. *A concepção de desenvolvimento regional.* In: HADDAD, P. R et al. (organ.). *A competitividade do agronegócio e o desenvolvimento regional no Brasil: estudo de cluster.* Brasília: CNPq/Embrapa, 1999, 265 p.

LIMA FILHO, D. O. ; MAIA, F. S. ; NEVES, F. S. ; SPROESSER, R. L. *Couro: baixa qualidade em Mato Grosso do Sul.* *Agroanalysis, São Paulo*, v. 21, n. 3, p. 35-36, 2005.

MARSHALL, A. (1920). *Princípios de Economia.* Trad. Ottolmy Strauch, 8.ed., vol. I, São Paulo: Nova Cultural 1985.

MATO GROSSO DO SUL. SEPLANCT – Secretaria de Planejamento e de Ciência e Tecnologia. *Planos Regionais, 2003. Plano Regional de Desenvolvimento Sustentável.* Disponível em: <<http://www.seplanct.ms.gov.br>> Acessado em: 13 de agosto de 2005.

MATTAR, F. N. *Pesquisa de marketing. Edição compacta. 2.ed.* São Paulo: R

MICHELS, I. L. (Coord.). *Avicultura.* Campo Grande/ MS: Ed. UFMS, 2004a.

MICHELS, I. L. (Coord.). *Mandioca.* Campo Grande/ MS: Ed. UFMS, 2004b.

MICHELS, I. L. (Coord.). *Peixe.* Campo Grande/ MS: Ed. UFMS, 2003c.

MICHELS, I.L. (Coord.). *Suinocultura.* Campo Grande/ MS: Ed. UFMS, 2004d.

PORTER, M. E. *Competição: estratégias competitivas essenciais; tradução de Afonso Celso Cunha Serra.* Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PUCINI, E. *A utilização de conceitos de sistemas locais de produção em políticas públicas de desenvolvimento de Mato Grosso do Sul. Dissertação (Mestrado em Gestão da Produção Agroindustrial).* Campo Grande: UNIDERP, 2004.

SANTOS, F; CROCCO, M. A. A; LEMOS, M. B. *As micro, pequenas e médias empresas em espaços industriais periféricos: estudo comparativo entre APLs de subsistência e centro-radial.* In: Helena Maria Martins Lastres; José Eduardo Cassiolato; Maria Lucia Maciel. (Org.). *Pequena Empresa: Cooperação e Desenvolvimento Local.* Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003, v. , p. 121-136.

SCHIMITZ, H; NADVI, K. *Clustering and industrialization: Introduction.* *World Development*, vol. 27, n.9, p.1503,1999.